

A cidade e seu escritor: a relação da biografia e da literatura de Lima Barreto com a *Belle Époque*

Patrícia Leoni Zarro- Unigranrio
Idemburgo Pereira Frazão – Unigranrio

Os literatos, propriamente, aqueles de bons vestuários e ademanes de encomenda, não lhes dão importância, embora de todo não desprezem a literatura oral. Ao contrário: todos eles quase não têm propriamente obras escritas; a bagagem deles consta de conferências, poesias recitadas nas salas, máximas pronunciadas na intimidade de amigos, discursos em batizados ou casamentos, em banquetes de figurões ou em cerimônias escolares (...) (Os Bruzundangas –Lima Barreto)

Resumo:

Este artigo tem como foco apresentar aspectos da história da cidade do Rio de Janeiro que auxiliam os leitores a entender melhor a posição em que se colocava Lima Barreto diante de tudo o que ocorria ao seu redor e o resultante sentimento de marginalidade que lhe acompanhou durante toda a vida. As mudanças do centro urbano, as complicações em sua família, a questão da loucura que sempre a cercou, a vivência do autor na periferia do Rio de Janeiro e a história da cidade se imbricam. Pesquisas de diversas procedências têm apontado, mais recentemente, para o valor da obra romanesca desse escritor que foi marginalizado. O reconhecimento de Lima como ficcionista só ocorreu após sua morte.

Palavras-chave: Lima Barreto, Belle Époque, Rio de Janeiro

Abstract

The city and its writer: The relation of Lima Barreto's biography and literature with the *Belle Époque*

This article focuses on aspects of the history of the city of Rio de Janeiro, which help readers to better understand the position in which they placed Lima Barreto before everything that was going on around him and the resulting sense of marginality that

accompanied him throughout his life. The changes on city downtown, the complications in his family (the question of madness that always surrounded it), the experience of the author on Rio de Janeiro suburbs and the history of the city imbricate themselves. Research from several sources have pointed out, also, more recently, to the value of this writer romanesque work. The recognition of Lima as fiction writer only occurred after his death.

Keywords: Lima Barreto, Belle Époque, Rio de Janeiro

Introdução

Lima Barreto nasceu no dia 13 de maio. Faleceu aos 41 anos em 1922. Viveu em um período de grandes acontecimentos que marcaram a história do Brasil e a sua própria. Completava 7 anos no dia em que a Princesa Isabel, por pressão da sociedade, assinou a lei que abolia totalmente a escravidão no país. Tal fato é de grande relevância para o escritor, tendo em vista sua biografia. Sua família era originária das senzalas e sua cor continha traços da África. Para o escritor a realidade e a ficção por muitas vezes não podiam ser separadas. Segundo Lilia Schwarcz (2010) a vida particular de Lima alimentava a literatura e vice-versa. O presente trabalho intenta tratar de questões relacionadas a aspectos da história da cidade do Rio de Janeiro que interferem na biografia de Lima Barreto e permitem aos leitores entender melhor determinados posicionamentos do autor carioca diante dos acontecimentos da Belle Époque e como essa relação de sua biografia com o cotidiano da cidade interferiu em sua própria visão acerca de si mesmo. Entende-se que o romancista e cronista sentia-se um marginal em relação aos outros escritores e que esse sentimento o acompanhou durante toda a vida.

O escritor e a cidade

As mudanças do centro urbano, as complicações em sua família, a questão da loucura que sempre o cercou, a vivência do autor na periferia do Rio de Janeiro e a história da cidade se imbricam. Pesquisas de diversas procedências têm apontado, mais recentemente, para o valor da obra romanesca desse escritor que foi marginalizado

durante toda a sua trajetória biográfica e literária. O reconhecimento de Lima como ficcionista só ocorreu após sua morte. As experiências pelas quais ele passou eram refletidas em sua produção literária. Desde a década de 1880, parte significativa da sociedade brasileira já se punha contra a escravidão. Os grandes setores produtivos já não viam tanta importância no trabalho escravo. No Norte do país, as províncias eram desabitadas por escravos e havia uma estrutura de trabalho baseada na mão-de-obra livre. Nas regiões mais desenvolvidas, era comum a preferência por imigrantes, no Sul progrediam as colônias de povos vindos da Europa. Com a crescente imigração, a multiplicação das fábricas e todos os desdobramentos da revolução científico-tecnológica (SEVCENKO 1998, p.08) que se espalhavam pelo mundo, a escravidão ficava a cada dia mais dispensável, apenas o governo imperial e seus defensores relutavam em por termo a ela.

Como a pressão social crescia, não tardou para que muitos começassem a considerar ultrapassado não somente o sistema como também o próprio governo, com isso se fortalece o movimento pelo fim da escravidão. Neste ritmo a princesa Isabel, foi obrigada a agir, tomou partido da abolição assinando a Lei Áurea. A assinatura da Lei acabou por tornar-se uma grande festa. As ruas foram tomadas para festejar o fim da escravidão. A cerimônia se deu no Palácio Imperial à tarde. Na hora marcada milhares de pessoas estavam no largo do Paço a fim de festejar e o que era para ser um ato protocolar se tornou conhecido como a vitória do povo, com desfiles populares, ricos em suas carruagens e a festa varou noite adentro (CALDEIRA 1997, 221).

Em meio à festa estava um menino chamado Afonso Henrique Lima Barreto, junto com seu pai que o havia levado para participar das comemorações da Abolição. O menino ficou extasiado vindo a reconstruir toda aquela imagem posteriormente em um artigo intitulado “Maio” publicado no *Gazeta da Tarde* em 4-5-1911:

Agora mesmo estou a lembrar-me que, em 1888, dias antes da data áurea, meu pai chegou em casa e disse-me: a lei da abolição vai passar no dia de teus anos. E de fato passou; e nós fomos esperar a assinatura no largo do Paço.

A repercussão dos acontecimentos da Abolição foi profunda e a alegria experimentada naqueles dias pelas pessoas, que celebravam nas ruas, deixaram marcas

intensas na vida de Barreto, que se revelou, ao longo do tempo, um monarquista ferrenho:

Fazia sol e o dia estava claro. Jamais, na .minha vida, vi tanta alegria. Era geral, era total; e os dias que se seguiram, dias de folganças e satisfação, deram-me uma visão da vida inteiramente festa e harmonia. (Barreto, 1911)

No ano seguinte, nova mudança surgiu na sociedade brasileira. A abolição havia chegado, embora tarde, ao Brasil. A forma com que tudo ocorreu, a falta de planos para a realidade pós-abolição, a separação cada vez maior entre o governo e a sociedade, só fomentou os ideais republicanos. Enquanto a corte imperial bailava na Ilha Fiscal, o movimento republicano encabeçado por militares se articulava. (CALDEIRA, 1997, p. 222)

Tão grande era a desarticulação do Império, que sua derrubada não encontrou maiores obstáculos. D, Pedro II, fora tirado do poder e não tinha a quem recorrer apesar de sua figura simpática, o império caiu e o povo só fora comunicado *a posteriori*.

Para Lima Barreto tal acontecimento não gerou maiores lembranças. Como relatou na primeira publicação do Jornal O Suburbano em 01-03-1900 descrito por BARBOSA (2003, p. 65) “só me lembro que as patrulhas andavam, nas ruas, armadas de carabinas e meu pai foi, alguns dias depois, demitido do lugar que tinha”. Ainda segundo Barboza (Ibdem) Lima havia escrito que vira a implantação da República com desgosto.

Conforme afirma José Murilo de Carvalho em *Os Bestializados* (1987: p. 30) o escritor carioca, assim como a comunidade negra, não simpatizava com o novo Regime.

A simpatia dos negros pela Monarquia reflete-se na conhecida ojeriza que Lima Barreto, o mais popular romancista do Rio, alimentava pela República. Neto de escravos, filho de um protegido do visconde de Ouro Preto, o romancista assistira, emocionado, aos sete anos, às comemorações da abolição e às festas promovidas por ocasião do regresso do imperador de sua viagem à Europa, também em 1888. Em contraste, vira no ano seguinte seu pai, operário da Tipografia Nacional, ser demitido pela política republicana. Irritava-o, particularmente, a postura do barão do Rio Branco, a quem acusava de renegar a parcela negra da população brasileira. (CARVALHO, 1987, p. 30)

Lima Barreto tinha motivos pessoais para rejeitar o novo regime que se estabeleceu no país. Poderia atribuir a essas mudanças o destino triste de seu pai, que enlouqueceu. Tipógrafo de carreira, João Henriques, compadre de um Visconde, em 1889, viu sua carreira desmoronar ao perder o emprego de mestre de composição da Imprensa Nacional. Conseguiu novo emprego, com a ajuda de um velho conhecido, foi nomeado escriturário das colônias de alienados da Ilha do Governador.

Com o passar do tempo, o almoxarife, probo, diligente, seria traído por suas próprias qualidades. Certa vez ao fechar as contas de seu departamento, fora surpreendido com uma diferença. Refez as mesmas contas, várias vezes, mas o esforço se revelou inútil. Não conseguia descobrir a origem do desfalque. Calado e sem dividir com ninguém a questão, não aguentou a pressão de se imaginar preso injustamente.

À proporção que se ia aproximando o término do prazo para a entrega do relatório, aumentava-lhe a angústia. Como era homem de pouco abrir-se, mesmo com pessoas da família, a obsessão foi-lhe crescendo no íntimo, sem que os filhos e a companheira percebessem que alguma coisa de anormal se estava passando na mente de João Henriques, até que a crise se manifestou. (BARBOSA, 2003, p. 129)

Os delírios de João Henriques viriam, mais tarde a serem narrados, por Lima, em *Triste fim de Policarpo quaresma*, quando da crise de loucura do seu protagonista. Seu próprio pai servira-lhe de modelo.

Como fora doloroso aquilo! A primeira fase de seu delírio, aquela agitação desordenada, aquele falar sem nexos, sem acordo com o que se realizava fora dele e com os atos do passado, um falar que não se sabia donde vinha, donde saía, de que pontode seu ser tomava nascimento! (BARRETO, 2010, p. 105)

Lima na Belle Époque

Embora a mudança de regime pareça não ter gerado em Lima Barreto grandes lembranças, sem dúvida gerou grandes e profundas marcas. A começar por seu pai, João Henriques, que foi um dos primeiros “desempregados da monarquia” (SCHWARCZ, 2010). Por sua amizade com o Visconde de Ouro Preto, conseguiu se tornar funcionário da Imprensa Nacional onde galgou sua carreira, passando de tipógrafo de primeira

classe à mestre de composição durante 20 anos de serviços prestados, acalentando o desejo de tornar-se um “doutor”, título de grande importância na época. João Henriques era a favor da monarquia, divulgava suas preferências pelo antigo regime e por consequência perdeu o emprego quando da chegada do novo. Nesta época, com a perda de sua segura fonte de sustento, a família de Lima Barreto já contemplava a miséria e isso, sem dúvida, causou profundas marcas no escritor que exteriorizou esse sentimento em algumas de suas obras. Tanto quanto o pai, Lima era um monarquista e o novo regime instaurado a partir de 15/11/1891 nunca foi alvo de sua simpatia, talvez em razão das consequências que trouxeram à sua vida e de sua família.

Quando a Princesa Isabel faleceu, Lima mencionou o fato em sua coluna no jornal informando que nutria uma simpatia pela princesa e sempre que desejou narrar os fatos concernentes à abolição o fez com ares de festa. Como uma espécie de desdobramento da Proclamação, já no início do século XX, a Capital do país passou por profundas transformações estéticas, principalmente no seu eixo central. Fato este que muito contribui para o aprofundamento das desigualdades no plano urbanístico e que permite entender o que seria a “vida de subúrbio” de Lima Barreto.

Necessário se faz neste momento abordar as questões históricas que envolveram as transformações pelas quais passou a cidade do Rio de Janeiro, quando do início do século, a fim de que se possa ter maior compreensão das condições vividas por Lima Barreto, jovem que contava nesta época com aproximadamente 20 anos de idade, enquanto escritor negro e morador do subúrbio. As agruras pelas quais passou e que serão objeto de análise posterior deste trabalho. Apenas conhecendo a noção que se tinha de capital, zona central e subúrbio é que se pode tentar mensurar como este escritor era visto pela sociedade de sua época. A República fora instaurada e o centro da Capital da República era habitada por operários, ex-escravos, ambulantes, trabalhadores do cais do porto e junto com a elite social da época que circulavam pelo mesmo espaço de ruas estreitas, vielas sem saneamento, distinguindo-se entre si pelas vestimentas. Tal situação em nada coadunava com o que acontecia no exterior.

O século XVIII viu surgir a Revolução Industrial na Inglaterra, com o aparecimento das primeiras fábricas. A produção era distribuída em escala mundial. Em um segundo momento, o mundo contemplou nova Revolução, intitulada Científico-

Tecnológica e também chamada de Segunda Revolução Industrial (SEVCENKO: 1998) por volta de 1870. Mais complexa que a primeira, a segunda revolução, além da economia mecanizada, proporcionou o desenvolvimento de novos meios de geração de energia, como a eletricidade e os derivados do petróleo, novos ramos da metalurgia. Com o avanço científico houve desenvolvimento na área da microbiologia, bacteriologia e bioquímica, tendo grande efeito sobre a medicina, a partir da farmacologia, higiene e profilaxia e com isso um choque decisivo sobre o controle de doenças, a natalidade e a expectativa de vida. São desta época a aspirina, a anestesia, o papel higiênico e a penicilina.

A Europa vivia a *Belle Époque*, um período de grande prosperidade com reflexos mundiais e no Brasil não seria diferente.

Mais que nunca, o mundo literário voltou-se para Paris, os poetas sonhavam viver em Paris e, sobretudo, morrer em Paris. Com poucas exceções, como o mulato Lima Barreto e o caboclo Euclides da Cunha, os literatos se dedicaram a produzir para o sorriso da elite carioca, com as antenas estéticas voltadas para a Europa. (CARVALHO 1987, p.41)

Em razão da própria história o Rio de Janeiro estava muito aquém dos parâmetros internacionais, logo, havia que se fazer alguma coisa urgente. Foi quando sob o governo federal de Rodrigues Alves que se deu início a “reforma da capital”, conhecida como “Regeneração”.

No início do século XX, o Rio de Janeiro contava com uma população negra remanescente de escravos, ex-escravos, libertos e sua descendência; oriundos da própria capital; uma população de imigrantes e uma leva de antigos escravos que após a abolição saíram das fazendas de café do interior, vindo para a cidade em busca de oportunidades. Essa população extremamente pobre se acomodou nos antigos casarões que datavam do início do século XIX e haviam sido subdivididos em cubículos, hospedando famílias inteiras que, muitas vezes, dormiam pelo chão em esteiras postas lado a lado. As moradias eram localizadas ao redor do porto onde as oportunidades de trabalho eram mais numerosas. Devido à grande concentração de gente, os ambientes começaram a ficar degradados. As condições de vida eram precárias e as relações

extremamente promíscuas. Aluizio de Azevedo narrou bem essa condição em seu livro *O cortiço*.

Mudança e resistências na Capital

Devido a este estilo de vida, o povo passou a ser visto como uma ameaça á ordem, à segurança e, principalmente à saúde. Com as proporções alcançadas por uma dita ordem urbana, o governo entendeu que deveria tomar alguma atitude, se quisesse equiparar a capital da República à capital da França, Paris. Com este intuito o Presidente Rodrigues Alves e as autoridades criaram um plano com três frentes de ataque, a fim de tornar o Rio de Janeiro vitrine para a Europa, quais sejam: tornar o porto moderno; trazer o saneamento para a cidade e mudar a aparência urbana do centro da capital. Para tanto técnicos foram nomeados: o engenheiro urbanista Pereira Passos, para prefeito; o engenheiro Lauro Müller para cuidar do porto e o médico sanitaria Oswaldo Cruz tratar do saneamento urbano. Os três receberam poderes ilimitados com o objetivo de cumprirem até o fim a missão que lhe estava proposta.

A reurbanização na realidade foi uma devassa na capital, casarões, casebres, cortiços foram demolidos sem qualquer indenização, as vielas deram lugar a avenidas espaçosas, sendo a principal a Avenida Central (hoje conhecida como Rio Branco). O porto foi remodelado e em nome da saúde pública começou um ataque às doenças mais comuns na população, varíola, febre amarela, entre outras e que atingiam os estrangeiros de maneira que muitos foram levados à óbito, ganhando a cidade, o apelido de “túmulo de estrangeiros” (SEVCENKO: 1998).

A campanha de erradicação da varíola permitia aos grupos entrarem nas casas para vacinarem os sãos e recolher os doentes. Com a falta de informação, o povo se colocou contra este movimento no que ficou conhecido como a revolta da vacina. Sem saber ao certo o que eram aquelas injeções e tomados pelo medo de terem suas casas invadidas e serem vacinados a força pelos agentes, o povo se revoltou.

A reforma urbana seguia avante, nada era capaz de deter o “sistema draconiano da tripla reforma” (SEVCENKO, 1998, p.24) a vontade de apagar, ou melhor, esconder as desigualdades era urgente.

Comentando o ímpeto, a escala e os objetivos da reforma urbana, o escritor Lima Barreto observaria: “De uma hora para

outra a antiga cidade desapareceu e outra surgiu como se fosse obtida por uma mutação de teatro. Havia mesmo na coisa muito de cenografia”.(SEVCENKO, 1998, p.25)

Sem qualquer indenização pelo “bota-abaixo”, as famílias se acumularam nas encostas dos morros que cercavam a cidade, fazendo casebres de madeiras com os caixotes que eram descartados. Muitos se deslocaram para o subúrbio de onde era Lima Barreto. Isso torna claro que os moradores dos subúrbios e das favelas, naquela época representavam uma espécie de vergonha do país, eram aqueles que queriam ser escondidos e esquecidos pela elite e pelo governo. Ainda segundo SEVCENKO (1998) “prevaleceu o sentimento de vergonha, desprezo e ojeriza em relação ao passado, aos grupos sociais e rituais da cultura que evocassem hábitos de um tempo que se julgava para sempre e felizmente superado.”

Lima Barreto fora contemporâneo destes fatos, os viu acontecer, falou sobre eles, se indignou com eles, enfim foi uma vítima da segregação social. A despeito de ter muitos amigos influentes e membros da elite, era notório, ele era negro e suburbano, será que isso pesava mais? Será que era considerado como parte de uma vergonha nacional que se queria esquecer? A resposta infelizmente parece ser positiva. Lima nunca conseguiu entrar para Academia Brasileira de Letras, sempre visto como um escritor menor em relação a grandes nomes como Olavo Bilac e Machado de Assis.

Quando se foram os primeiros anos da Jovem República, o que ficou foi um sentimento geral de desengano por se manter claro que os contornos elitistas da sociedade permaneceram. Na verdade pouco mudou na realidade brasileira com o advento da República e a possibilidade de mobilidade social para negros e mulatos era quase utópica uma vez que os trabalhos manuais, mau remunerados, por exemplo, eram tarefas para ex-cativos. Sem contar que o discurso determinista se introduziu com grande força. O determinismo é um ramo da ciência que entende ser o negro um pertencente de uma sub-raça. A problemática, portanto está ligada a um caráter biológico. Negros e mestiços seriam inferiores porque a própria raça os fizera assim.

Lima Barreto ainda vivia, quando o movimento modernista tomava impulso. Mas faleceu no ano da realização da Semana de Arte Moderna que é marco inaugural deste período.

Não por coincidência, a literatura de Lima Barreto se caracteriza por um claro “ressentimento”, dando vazão a temas como cor e exclusão, corporalidade e discriminação, divisões sociais e hipocrisias científicas. Ressentimento remete a sensação de indignidade social e, não por acaso, o escritor abandonaria sua performance de dândi dos anos de juventude para assumir uma *persona* dilacerada, de pária social. Além do mais, sua definição como escritor negro perpassará a obra com um todo. (SCHWARCZ 2010, P.20)

O diálogo entre a obra de Lima Barreto e sua biografia é inegável. Autor e personagens muitas vezes se confundem ficando muito difícil analisar a obra sem levar em conta a vida do autor. Basta consultar, por exemplo, a obra *Recordações do escrivo Isaias Caminha*, que se constata o caráter autobiográfico do personagem, um jovem mulato provinciano que pretendia ser doutor no Rio de Janeiro e descobriu o preconceito. Por esta razão necessário se fez um breve relato da realidade que o cercava e que tanto o influenciou com o intuito de compreender sua época e como ela o recebeu enquanto membro. Na obra limabarretiana vemos personagens com outros nomes, mas facilmente reconhecíveis; comportamento da elite da corte; ironias sobre a sociedade; alfinetadas nas teorias raciais. Por conta desta ponte entre obra e autor e que se vez uma exposição, sem a pretensão de ser exaustiva, da realidade vivida entre 1881 e 1922. Além disso, é preciso que fique clara a intenção de aproximar a história da ficção para demonstrar como só na contemporaneidade se poderia perceber a importância de Lima e desconstruir a visão do cânone literário.

Conclusão

O presente texto, ao tratar de aspectos importantes da cidade do Rio de Janeiro do período da *Belle époque*, apontou para a fundamental importância do conhecimento da época em que viveu o escritor Lima Barreto para o melhor entendimento de muitas de suas obras. Reconhecido como cronista, Lima Barreto, entretanto, demorou praticamente um século para que sua obra ficcional se impusesse, diante de um público que, na época não valorizava obras que destacavam temáticas relacionadas à periferia, aos pobres. Morador do subúrbio, crítico ferrenho dos “doutores”, da elite cultural brasileira de sua época, Lima, como é de conhecimento público, sentia-se e era marginalizado, mesmo tendo amigos influentes e uma cultura reconhecida.

A cidade, com sua história, seu cotidiano, sua beleza, suas mazelas podem ser entendidos , e termos de temática e de argumento, como a espinha dorsal de obras importantes de Lima Barreto, como *Clara dos Anjos*, *Recordação do Escrivão Isaías Caminha*, *Vida e morte de MJ Gonzaga de Sá*, e várias outras, incluindo aí seus contos e crônicas.

Referência Bibliográfica

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

_____. (Org.) Lima Barreto: **Correspondência Ativa e Passiva**. 2 tomo. São Paulo: Gráfica Urupês, 1956.

CALDEIRA, Jorge et al. **Viagem pela História do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: companhia das Letras, 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.) **Contos Completos de Lima Barreto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SEVCENKO, Nicolau. (Org.) **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo Companhia das Letras, 1998.